

Ter. 27 de julho 18h

Tertúlia Online “AS FEMINISTAS E O ENVELHECIMENTO”

MulhereS (mais) Velhas: Uma proposta feminista interseccional

Liliana Rodrigues

Frodrigues.Liliana@gmail.com



Que mulheres?

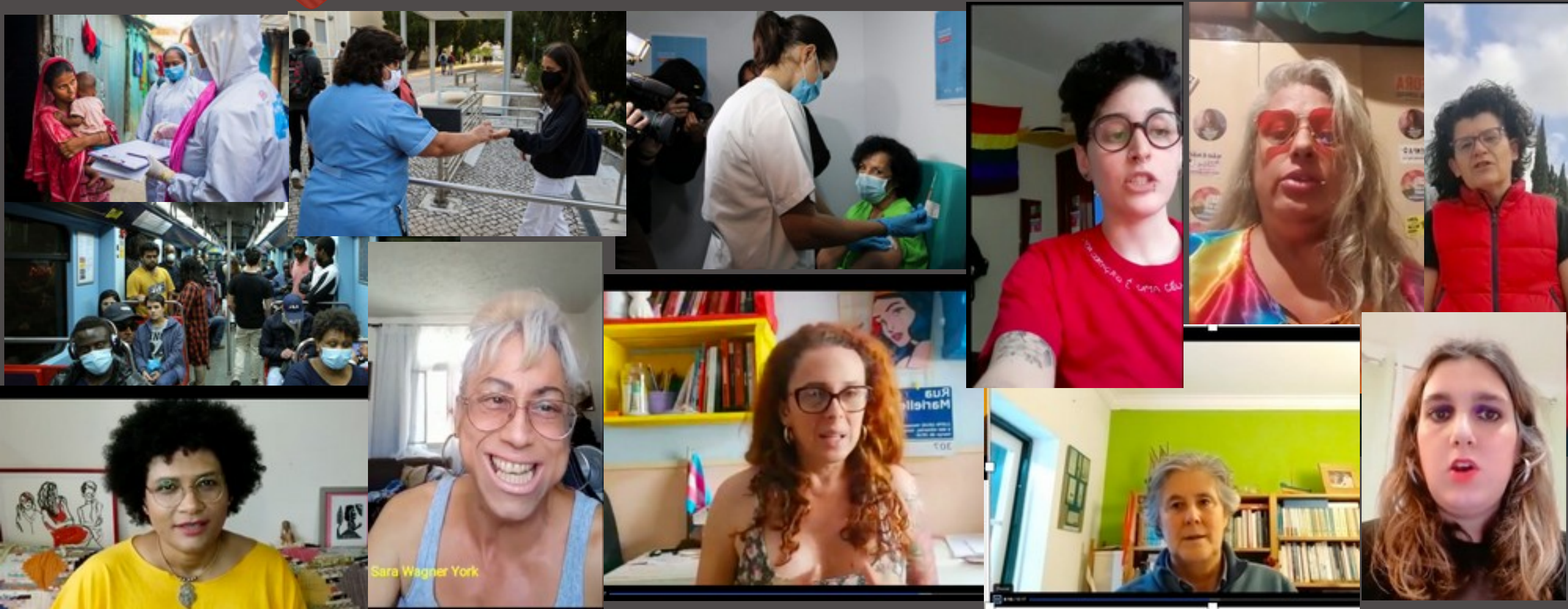
Aqui dentro de casa, a luta continua!

Para assinalar o 25 de abril de 2020, o núcleo da UMAR Braga revisitou a música de José Mário Branco, “Aqui dentro de casa”, de 1972.

<https://www.facebook.com/watch/?v=2671125603166800>



De que “mais” mulheres estamos a falar?



- Mulheres pobres;
- Cuidadoras em lares;
- Empregadas domésticas e da limpeza;
- Trabalhadoras em fábricas;
- Assistentes operacionais;
- Trabalhadoras de supermercados;
- Mulheres negras/racializadas;
- Mulheres com deficiência/com diversidade funcional;
- Mulheres rurais;
- Trabalhadoras do sexo;
- Mulheres imigrantes;
- Mulheres ciganas;
- Mulheres presas;
- **Mulheres trans;**
- (...)

**Como é que
estas
mulheres
envelhecem
? Será que
chegam a
envelhecer?**

- **As pessoas trans constituem um dos grupos mais discriminados em Portugal** (Costa, Pereira, Oliveira & Nogueira, 2010) e têm sido violentadas não só fisicamente, mas também de forma psicológica e institucional (e.g., não reconhecimento dos seus direitos);
- **outras têm tentado o suicídio, ainda muito jovens, e muitas outras têm sido assassinadas** (e.g., Brasil, Portugal, Turquia) (Amaral & Toneli, 2015; Hammarberg, 2010).

Envelhecimento de pessoas trans

- **Entre 1 de janeiro de 2008 e 30 de setembro de 2020, ocorreram mundialmente 3664 homicídios contra pessoas trans e/ou diversas no que toca às vivências, expressões e/ ou identidades de gênero.**
- Neste último ano, entre 1 de outubro de 2019 e 30 de setembro de 2020, foram registrados 350 homicídios contra pessoas trans a nível mundial.
- Destes 350, o Brasil continua a ser o país que mais mata pessoas trans (152), seguindo-se o México (57), os Estados Unidos (28), a Colômbia (21), a Argentina (12), Índia (10) e El Salvador (10) (TGEU, 2020).

Envelhecimento de pessoas trans

- Neste contexto de violência transfóbica, os direitos das pessoas trans à não discriminação no espaço público não têm sido protegidos (Platero, 2014).
- Esta violência contra pessoas trans **potencia riscos de depressão, suicídio, abuso de drogas e/ou comportamentos sexuais de risco** (Bockting, Robinson, Forberg & Scheltema, 2005), **menor esperança média de vida e menores oportunidades de trabalho** (Rodrigues, 2016).

Envelhecimento de pessoas trans

- **Este contexto histórico, social e político de opressão tem conduzido a que poucas pessoas trans cheguem à velhice** (Fernández-Rouco, Sánchez & González, 2012; Lopes, 2015; TGEU, 2015).
- **Quando estas sobrevivem, deparam-se com uma crescente vulnerabilidade nas suas vidas** (Antunes, 2010; Lopes, 2015) **que, para além de pessoas trans, com vidas precárias, são também (mais) velhas** (Fernández-Rouco, Sánchez & González, 2012; Lopes, 2015; Rodrigues, 2016) **principalmente quando estas são/foram trabalhadoras sexuais.**

Envelhecimento de pessoas trans

- Também a **discriminação e a exclusão social** associadas a muitas experiências de vida trans fazem com que **algumas pessoas recorram à prostituição, através da qual obtêm recursos financeiros para cobrir o tratamento hormonal e/ou cirúrgico** (quando o desejam),
- bem como **os custos diários de uma vida em situações recorrentes de ausência de qualquer respaldo social e familiar** (Amorim, Vieira, & Brancaleoni, 2013; Oliveira, 2011; Pelúcio, 2005).

Envelhecimento de pessoas trans

Soster, A., Rodrigues, L, & Souza M. (2021). Trans e Covid-19: O desafio da (in)visibilidade e do atendimento das demandas sociais, econômicas e de Saúde. *Revista Inclusiones*, 8(1), 293-303. Obtido em: <http://revistainclusiones.org/index.php/inclu/article/view/200>

De que se fala quando se discute o feminismo interseccional? Onde começou? Como surgiu? Como se foi construindo?

O feminismo negro: “o despontar” da interseccionalidade

Historicamente, o coletivo feminista negro “Combahee River Collective” (1974) inaugurou a discussão sobre a **“simultaneidade de opressões”** (à época, ainda não designada por interseccionalidade) (e.g., Nogueira, 2013; Platero, 2012; Rodrigues, Carneiro & Nogueira, 2014).

Este coletivo **procurou destacar o facto de as opressões de classe, género, “raça” e sexualidades serem simultâneas e estarem inter-relacionadas** (Combahee River Collective, 1977/2012; Nogueira, 2013; Platero, 2012).

Que políticas assumir no combate à precariedade, e à exclusão social das muitas mulheres (mais velhas)?



Políticas feministas interseccionai s

**Marielle Franco,
uma mulher que foi impossibilitada de
envelhecer!**

- **Conhecer as pessoas** numa perspetiva interseccional quando trabalhamos em políticas públicas;
- **Pensar** para quem são construídas as políticas públicas **com lente interseccional** (e.g. campanhas de violência de género e mulheres negras; género X orientação sexual X idade; mulheres mais velhas e sexualidade – “e os problemas da história única”);
- **Assumir perspetivas críticas de Direitos Humanos**, questionando a noção de sujeito abstrato, deshistórico e descontextualizado dos direitos;
- Trabalhar **com** as pessoas e não sobre elas, com uma proximidade efetiva e **afetiva**;
- Privilegiar **abordagens/intervenções de horizontalidade**, de trabalho co-construído e implicado com a vida concreta das pessoas.
- Fomentar espaços e práticas alternativas/significativas de **sociabilidade** tendo em conta a pluralidade das vivências.

Políticas feministas interseccionais

Que feminismo queremos? Que feminismo “precisamos”?

- O que está atento, o que não cala!
- O que instiga à reflexão constante, à autocrítica;
- O que identifica os sistemas opressores;
- O que cria alianças;
- O que (re)constrói resistência;
- O que combate a “Violência de Inexistir” (Carneiro, 2013);
- O que é também anti-racista, anti-lgbtfóbico, anti-capitalista, ecologista, (...) e de esquerda!
- O que co/constrói espaços de afeto;
- O que “ajuda” a sobreviver!

Porto,
1.º de Maio 2021



Assumindo um posicionamento feminista crítico e político é fundamental refletir constantemente sobre o que fazemos, como o fazemos e para que serve o que fazemos, especialmente, quando pretendemos trabalhar/estar junto “com” pessoas que desafiam a diversidade interseccional, especialmente em tempos de pandemia.



QUARTA-FEIRA, 13 DE MAIO, 17H-19H

1ª SESSÃO DA REDE DE MULHERES "AQUI DENTRO DE CASA"

PARTILHA DE EXPERIÊNCIAS E AJUDA MÚTUA SOBRE
COMO VIVEMOS O ISOLAMENTO SOCIAL

INSCRIÇÕES AQUIDENTRODECASA.UMAR@GMAIL.COM



É preciso criar espaços de partilha e cuidado, é fundamental construir espaços de afeto.